

VAI PESCAR

NA NOITE EM QUE ACONTECEU, houve uma festa.

Embora as festas não fossem invulgares para os alunos da Academia Alfred Nobel, esta certamente o era.

De vez em quando, ocorria uma festa secreta fora do *campus*, numa casa arrendada por um dos rapazes finalistas da Hawking. Acontecia algo digno de mexericos, como alguém do terceiro ano que bebia demasiado e acabava a curtir com o ex-namorado em público. Ou alguém do quarto ano que se drogava tanto que se esquecia de onde estava e acabava por desfilar à volta da piscina, com tudo à mostra para toda a gente ver.

Depois, na segunda-feira seguinte, todas as peripécias desse fim de semana tornar-se-iam no assunto mais quente de todo o colégio interno, sussurros abafados sobre os felizardos a flutuar pelos corredores, pelas salas de aula e pelos dormitórios.

O que tornou esta noite particularmente estranha, todavia, foi o que aconteceu quando nenhum olhar atento ou câmaras — *que ela saiba* — estavam lá para o documentar:

Uma rapariga a descer de uma varanda. Os seus dedos trémulos a agarrar as pegas da escada em espiral. A noite a engolir os seus gritos enquanto cambaleava em direção ao carro que a esperava.

Não se atreveu a olhar para trás.

Olhar para trás seria reconhecer o que tinha acontecido.

O que tinha feito.

O carro cinzento estava escondido num canto do caminho silencioso que conduzia à casa, misturando-se com as sombras, visível apenas para aqueles que o sabiam procurar.

O clique da porta do carro ecoou alto quando ela subiu para o banco do passageiro, e fechou a porta rapidamente antes que alguém pudesse ver.

Uma outra rapariga estava sentada no lugar do condutor, a preocupação estampada nas suas feições escuras — o seu cabelo loiro curto penteado em ondas suaves, ondulando sobre a sua cabeça, esbatendo-se e ondulando mais com as lágrimas da rapariga trémula.

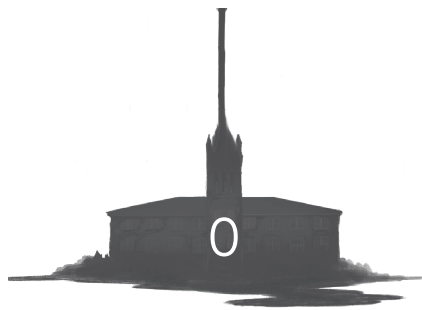
— Conseguieste... — A rapariga loira parou, reparando nas faces manchadas de lágrimas da amiga. — Que aconteceu? — interrogou.

A rapariga limpou o rosto em silêncio, evitando o seu olhar.

— Sade? — disse a rapariga loira num sussurro gentil.

Sade finalmente olhou para cima e fixou o seu olhar.

— E... ele está morto.



5 SEMANAS ANTES
SEGUNDA-FEIRA

A MIÚDA NOVA

SADE HUSSEIN ESTAVA HABITUADA A que lhe mentissem.

Aos sete anos, disseram-lhe que a mulher que tinha visto sair do quarto do pai de manhã cedo era a fada dos dentes e *não* a sua ama. Com dez, encontrou a mãe caída na banheira, imóvel, com um frasco de comprimidos na borda — disseram-lhe que a mãe estava a dormir uma longa sesta e que acordaria em breve. Aos catorze, implorou ao pai que a deixasse ir para uma escola normal e fazer amigos com jovens reais da sua idade, em vez de ter como único amigo o seu tutor de matemática, que às vezes a deixava dormir durante as aulas. O pai disse-lhe que o secundário não era o que parecia. Que era o mais distante da magia em que os filmes a tinham levado a acreditar.

Mas quando o motorista encostou o carro preto aos portões da Academia Alfred Nobel e o gigantesco colégio interno em forma de castelo se tornou visível, nem a chuva nem a lembrança do aviso do pai conseguiram esmorecer o seu entusiasmo.

A escola parecia um palácio.

Os muros de pedra castanha, os pináculos elegantes e a folhagem verdejante perto da entrada, que parecia estender-se por quilómetros, haviam captado toda a sua atenção. Até os olhos do motorista se arregalaram ao ver o enorme edifício, muito longe da estreita casa de Chelsea onde ela crescera.

Uma batida na janela arrancou-os a ambos do seu transe, e um homem com um uniforme de segurança inclinou-se sobre o carro.

Sade baixou o vidro da janela.

— Nome e motivo? — perguntou-lhe o segurança.

— Sade Hussein, aluna — disse ela, e apressou-se a acrescentar: — É o meu primeiro dia.

Ele assentiu com a cabeça e depois murmurou qualquer coisa para o seu *walkie-talkie*.

— Pode subir. Estará alguém à sua espera na entrada — informou-a.

— Obrigada — respondeu ela.

O carro seguiu adiante, e Sade tentou ver os arredores da escola com mais atenção.

As roseiras perfeitamente podadas, a relva bem cortada e as cerejeiras silvestres. Ao longe, via filas de belos edifícios, antigos e novos.

— Acho que não posso ir mais longe — disse o condutor, parando o carro em frente ao edifício principal.

— Quanto é que lhe devo? — perguntou ela.

O condutor olhou para ela através do espelho retrovisor.

— Está tratado, com os cumprimentos do seu pai — disse ele, a última parte proferida rapidamente num tom abafado, como se só de pensar nele pudesse ressuscitar os mortos.

Era estranho como, mesmo depois de morto, o pai dela ainda tinha esse efeito nas pessoas.

Era como se não acreditassem verdadeiramente que ele tinha morrido.

O grande Akin Hussein, derrotado pelo seu próprio coração. Não parecia real.

Ela também não os censurava — até ela continuava a sentir a presença dele. Observando cada movimento seu, como sempre fizera.

Mas sabia com toda a certeza que ele tinha de estar morto.

Afinal, ela não estaria aqui se o coração dele ainda batesse.

Sade dirigiu ao motorista um sorriso forçado e procurou algum dinheiro na carteira.

— Tome — disse ela, entregando ao motorista duas notas de cinquenta libras.

Ele estava prestes a protestar.

— Sentir-me-ia muito melhor se aceitasse isto.

O motorista hesitou antes de aceitar o dinheiro.

— Obrigada — disse ela ao sair do carro, com cuidado para não amarrotar o material teimoso do seu vestido *Chanel* preto personalizado.

Enquanto o motorista descarregava as malas do porta-bagagem, a entrada principal da escola abriu-se, revelando uma mulher alta e esquelética, com um carrapito alto, uma saia lápis e uma expressão severa inscrita no rosto.

— Sade Hussein? — chamou a mulher bruscamente quando se aproximou do carro, pronunciando mal o primeiro e o último nome: *SADIE HU-ZÉN* em vez de *SHÁ-DEI HU-SEIN*.

Sade reparou que a mulher lhe olhava para a roupa com ar de desaprovação, fazendo uma careta para os sapatos.

— Diz-se *Sade Hussein* — corrigiu Sade, percebendo apenas depois que provavelmente seria um erro. Dos anos que passara a ver séries e a ler livros sobre o secundário, sabia que os professores raramente gostavam que lhes dissessem que estavam errados. Ao contrário dos seus tutores, que lhe recompensavam sempre a tendência para a perspicácia, esta mulher não parecia satisfeita.

— Está atrasada — disse-lhe ela.

— Desculpe. Apanhámos trânsito no caminho e...

— Quatro semanas atrasada — interrompeu a mulher.

Sade não disse nada, apesar de os motivos do seu atraso lhe abrirem um buraco no crânio e lhe pesarem nos ombros. Tinha a sensação de que a mulher não se importaria com as suas desculpas, fossem ou não justificadas.

— Existem regras, menina Hussein, que todos os alunos devem cumprir. Não sei como eram as coisas na sua antiga escola, mas aqui não aceitamos atrasos, nem aceitamos que apareça no seu primeiro dia sem uniforme. Por favor, que seja a última vez que... apanha trânsito — disse a mulher, as veias do pescoço a arroxear. Fez uma pausa, como se estivesse à espera de que Sade falasse, mas continuou quando apenas o silêncio se seguiu. — Os seus pais devem ter recebido todos os documentos e tê-los entregado a si... e, no entanto, a sua ficha de alojamento permanece incompleta. Vamos ter de resolver isto tudo hoje e o mais provável é que falte às aulas e fique ainda mais atrasada. Imagino que também não tenha lido nada para recuperar o atraso, visto que nem sequer foi capaz de cumprir a tarefa básica de se vestir corretamente para o seu primeiro dia de aulas. A sério, os seus pais não...

— Estão mortos — disse Sade com frieza, interrompendo-a.

A mulher pareceu desconfortável.

— Desculpe? — perguntou ela, como se não fosse já claro.

— Os meus pais... estão ambos mortos. A minha mãe morreu quando eu tinha dez anos e o meu pai morreu há um mês, uns dias antes do que deveria ser o meu primeiro dia aqui. Disseram-me que isso não seria um problema e que constaria do meu processo. Presumi que o tivesse lido... peço desculpa pela suposição — respondeu ela com um sorriso forçado.

O motorista aclarou a voz, atrapalhado.

— Já tirei todas as suas malas do porta-bagagem, menina. Quer que as leve para o seu dormitório? — perguntou.

O olhar de Sade passou da expressão de choque da mulher para a expressão desconfortável do motorista.

A par da propriedade multimilionária do pai, Sade herdara também o fardo do luto e o constrangimento que o acompanhava.

— Quanto quer para levar as minhas malas? — perguntou-lhe ela.

Ele ficou ainda mais desconfortável.

— Não é preciso, menina, cumprimentos...

A voz de Sade tornou-se trémula.

— Quanto?

O motorista calou-se, e Sade suspirou pesadamente antes de meter a mão na bolsa e entregar-lhe um monte de notas de vinte libras, desta vez sem se preocupar em contar.

Voltou-se para a mulher, o seu sorriso hesitante.

— Onde é que arranjo um uniforme?

O INTERIOR DA ACADEMIA ALFRED Nobel era ainda mais bonito do que o exterior palacial. Era como entrar num sonho desperto.

A atenção de Sade dispersou na entrada do edifício principal, reparando em como tudo era impecável. O chão de madeira; as janelas altas e arredondadas de vidro; o teto com pinturas do que ela julgou serem anjos, mas que depois de um segundo olhar, não teve tanta certeza.

Sentia-se como se tivesse entrado num museu e não no que iria ser a sua casa nos próximos dois anos.

Era igualzinho às fotografias que tinha visto na Internet.

— Certo. — A mulher, que, entretanto, Sade ficara a saber que era a supervisora do colégio e se chamava Sra. Blackburn, interrompeu-lhe os pensamentos. — Pode ir para aquela sala para preencher o formulário

de alojamento. O formulário contém uma seleção simples de perguntas que irão avaliar as suas necessidades e o melhor ambiente para viver na academia. Procure responder com o máximo de sinceridade possível. Levamos isto muito a sério e é extremamente raro permitirmos transferências para outras casas; não que haja muitas pessoas a quererem ser transferidas. O formulário é muito completo e, por norma, muito rigoroso.

Sade já tinha lido sobre as casas da escola. Eram oito: Curie, Einstein, Hawking, Mendel, Franklin, Turing, Jemison e Seacole. Cada casa parecia servir um objetivo específico e, ao mesmo tempo, tinha alunos que se encaixavam nesse objetivo. Havia a casa dos académicos, a casa dos prodígios desportivos, e assim por diante. Sade perguntou-se para que casa seria selecionada.

A Sra. Blackburn conduziu Sade a uma sala com uma secretária cor de noqueira, um caderno e um lápis número dois. Atrás da secretária havia uma porta com a inscrição SALA DE SEGURANÇA.

— Quando acabar, bata duas vezes na parede e depois passe o formulário pela ranhura que está ali. Será assinalado, e eu trar-lhe-ei um uniforme quando os resultados do teste chegarem. Não deve demorar muito. Alguma questão? — perguntou a Sra. Blackburn, pestanejando de forma passivo-agressiva.

Sade abanou a cabeça, apesar de se sentir como se estivesse numa espécie estranha de romance distópico em que o formulário era, na verdade, um teste destinado a determinar todo o seu futuro ou assim. Pousou a bolsa no chão.

— Ótimo — disse a Sra. Blackburn, com um sorriso forçado. Sade sentou-se à secretária.

A Sra. Blackburn virou-se para sair, mas parou à porta e olhou para o papel de Sade e depois para o seu rosto.

— Escolha sabiamente — disse antes de sair, e a porta fechou-se com força atrás dela.

A SRA. BLACKBURN TINHA RAZÃO; não demorou tempo nenhum a preencher o formulário — embora as perguntas fossem *muito* estranhas.

Uma delas perguntava se preferia chuva ou sol, o que não fazia muito sentido para ela. Afinal, não era como se pudessem controlar o clima

do dormitório que lhe fosse atribuído. Outra perguntara-lhe se preferia janelas grandes ou pequenas, e outra pedira-lhe para selecionar a sua criatura da floresta preferida.

Quando acabou, bateu duas vezes à porta e depois passou o teste pela ranhura dourada na parede, jurando que tinha sentido um estranho puxão do outro lado. Quando a Sra. Blackburn lhe disse que o teste seria marcado, Sade presumiu que fosse por um computador qualquer.

Mas o puxão parecera-lhe humano, e Sade perguntou a si mesma se teria sido uma velhinha que eles mantinham atrás da parede para cumprir o único propósito de marcar estes formulários. Não se surpreenderia se assim fosse. Porque, apesar da sua beleza, havia algo estranho em Alfred Nobel. Talvez fosse o facto de tudo ser *demasiado* perfeito.

Sade estava habituada ao luxo, por isso sabia que a riqueza se fazia acompanhar por uma abundância de segredos. Podia apostar que a Academia Alfred Nobel tinha muitos deles. Enterrados a alguns metros de profundidade, debaixo das roseiras aparadas de forma sublime junto à entrada.

Bateram à porta, e a Sra. Blackburn entrou na sala com o que Sade supôs ser um uniforme dobrado nas suas mãos bem cuidadas.

— Dei instruções ao seu motorista para levar as suas coisas para o seu quarto — disse a Sra. Blackburn. — Adivinhei o seu tamanho — continuou, entregando a Sade o uniforme —, mas se precisar de alguma coisa feita à medida, pode ir à loja da escola assim que se instalar.

Sade olhou para a roupa diante de si. O uniforme parecia ser composto por muito preto. Saia preta, camisola preta e uma gravata preta. Parecia mais um traje fúnebre do que outra coisa.

— Obrigada... Tenho de o vestir agora ou posso mudar de roupa mais tarde?

O olhar da Sra. Blackburn fixou-se nela.

— Fica a seu critério.

Sade teve a sensação de que a Sra. Blackburn queria que ela se trocasse de imediato, claramente ainda ofendida pela sua falta de roupa apropriada. Não sabia o que havia de tão ofensivo num vestido de *tweed* e botas *Doc Marten* com atacadores.

— Mais alguma pergunta? — perguntou a Sra. Blackburn.

Sade assentiu.

— Tenho duas. Em que casa fiquei colocada?

A Sra. Blackburn endireitou-se.

— Ah, sim, está na Casa Turing.

Tal como fizera com as outras casas, Sade lera uma breve descrição da Casa Turing. Era conhecida como a casa para os paus-para-toda-a-obra, para alunos sem especial interesse em áreas específicas; era a casa irmã da Seacole; e ao contrário da maior parte das outras casas, a Turing produzira os ex-alunos menos famosos.

Que entusiasmante, pensou ela.

— Turing, como o cientista? — perguntou Sade, querendo parecer interessada. Lembrava-se da trágica história de Alan Turing, o cientista *queer*, de uma das suas aulas de História sobre a Segunda Guerra Mundial.

— Sim. Tal como todas as outras casas, digo, têm nomes de cientistas, claro. Sabê-lo-ia se tivesse lido o folheto. Mas qual é a sua outra pergunta? — perguntou a Sra. Blackburn, que continuava evidentemente ressentida com o facto de Sade não ter vindo preparada. O que não era bem verdade. Sade pesquisara as coisas que julgara que serviriam melhor o seu propósito ali, mas tinha claramente falhado o alvo nas questões que a Sra. Blackburn considerava conhecimento pertinente.

— Posso fazer uma visita guiada à escola? — solicitou. — Não me quero perder.

— Claro. A sua irmã de casa irá mostrar-lhe a escola. Está lá fora à nossa espera.

— Irmã de casa? — perguntou Sade.

A Sra. Blackburn assentiu.

— É-lhe atribuída uma irmã e um irmão de casa, por norma no primeiro ano, mas, como chegou tarde, tivemos de lhe atribuir alguns irmãos de última hora. — A Sra. Blackburn deve ter reparado na expressão confusa de Sade, porque acrescentou: — É tradição. Normalmente, um aluno do ano acima do seu assume a responsabilidade, mas no seu caso, foi-lhe atribuída uma pessoa do seu ano. Convenientemente, trata-se também da sua colega de quarto, por isso estou certa de que, até ao final do período, irão conhecer-se muito bem.

Sade pestanejou ao ouvir aquilo. Ela nunca tinha partilhado um quarto.

— É opcional? — Já se tinha acostumado ao seu estatuto de órfã trágica com a idade madura de dezasseis anos e não estava à procura de uma nova família.

— Não — respondeu a Sra. Blackburn com firmeza. — Como disse, é tradição. Designei alguém da Casa Hawking para seu irmão de casa. Ele estará nas aulas o resto do dia, mas vou certificar-me de que vos apresento esta semana.

Tradições. Irmãos de casa. A ideia de uma família forçada continuava a não lhe agradar. Aquilo começava a parecer menos um colégio interno e mais um culto estranho. No entanto, talvez fosse de esperar, dado que o lema da escola era literalmente *Ex Unitate Vires*, que se traduzia para «Na Unidade há Força».

Um lema digno de um culto, se lhe perguntassem.

A Sra. Blackburn voltou a falar, provavelmente percebendo a sua contínua confusão.

— A adaptação ao colégio interno pode ser difícil. As famílias de casa são uma forma de garantirmos que os nossos alunos têm um sistema de apoio durante os quatro anos que passam connosco. Visto que está no seu terceiro ano e que é a primeira vez que frequenta um colégio interno, penso que seria bastante benéfico. A Elizabeth está lá fora à nossa espera.

Sade pegou na sua bolsa e estendeu o uniforme no braço antes de seguir a Sra. Blackburn até ao corredor, agora repleto de alunos. Reparou nos uniformes pretos idênticos e nas gravatas de cores diferentes enquanto passavam apressados por ela.

— Sade, esta é a sua irmã de casa e colega de quarto, Elizabeth Wang. Ela irá mostrar-lhe o colégio e responder a todas as suas perguntas — disse a Sra. Blackburn, gesticulando para a bonita rapariga de cabelo escuro à sua frente.

Sade observou a aparência um pouco desganhada da rapariga. A maquilhagem dos olhos esborratada, o verniz preto lascado e os rasgões ao longo dos *collants*. A rapariga também a observava, uma expressão estranha a surgir-lhe lentamente no rosto enquanto olhava fixamente para Sade.

Era como se tivesse visto um fantasma.

— Olá — saudou Sade com um sorriso amigável.

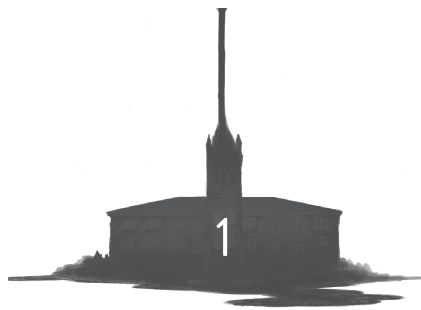
— Olá? — respondeu Elizabeth após um momento de silêncio, ainda a olhar para ela de forma estranha. Ouvia uma modulação subtil no final, como se a sua saudação tivesse sido também uma pergunta.

— Vê, já começou bem — disse a Sra. Blackburn sem um pingo de entusiasmo ou interesse na voz. — Sade, por favor, passe pela recepção depois do jantar para receber o seu pacote de boas-vindas e a chave da casa. A Sra. Thistle estará lá para lha entregar. Hoje não tive tempo de o preparar antes da sua chegada.

Sade assentiu, acrescentando aquilo à sua lista mental.

— Certo, então... fazemos uma visitinha rápida? — sugeriu Elizabeth, o seu rosto relaxando agora e o seu claro sotaque irlandês vibrando entre elas. Parecia ter afastado o que quer que fosse que a havia atingido.

— Isso seria ótimo — respondeu Sade, sentindo o olhar da Sra. Blackburn ainda a queimar-lhe buracos no vestido. — Mas, se não houver problema, acho que gostaria de vestir o meu uniforme primeiro.



SEGUNDA-FEIRA OS PÁSSAROS NA GAIOLA

DEPOIS DE VESTIR O SEU uniforme muito formalista, Sade seguiu Elizabeth para fora do átrio principal, passando por um edifício identificado como **INSTALAÇÕES DOS FUNCIONÁRIOS**.

— Achei que devíamos começar nos dormitórios. A Turing fica a cerca de cinco minutos a pé por este caminho. É péssimo se acordares atrasada e precisares de sair a correr, mas podia ser pior. Podíamos estar na Casa Einstein — disse Elizabeth enquanto caminhavam pelas traseiras do edifício principal e desciam por um longo e estreito caminho de pedra cheio de folhas molhadas e pinhas caídas das árvores.

De onde estava, Sade podia ver vários edifícios nos fundos da escola, a maior parte deles enterrados mesmo atrás do edifício principal. Alguns eram contíguos e outros estavam isolados.

— Este é o John Fisher, o fundador deste belo estabelecimento — continuou Elizabeth, apontando para uma estátua de pedra gigante de um velho branco com um bigode enrolado e um casaco e cartola antiquados, que estava no meio do caminho. — Giro, não é?

Sade ergueu uma sobrancelha para ela. Achava-o assustador, mas, por outro lado, sempre achara as estátuas um pouco perturbadoras. Mas talvez não tão perturbadoras como a declaração de Elizabeth.

Elizabeth abriu um sorriso.

— Estou a brincar. Preferia voltar a arrancar todos os meus quatro dentes do siso a beijar o velho Fisher. Além disso, era provável que ele me odiasse, dado que não gostava muito de mulheres ou de pessoas não-brancas. Dois critérios a que, felizmente, correspondo.

John Fisher olhava para Sade e Elizabeth como se escarnecesse delas.

— Dá para perceber — disse Sade.

Continuaram pelo caminho sinuoso, e Sade observou mais da arquitetura. Um dos edifícios captou-lhe a atenção: era mais recente e nada semelhante a um castelo. Reparou na inscrição CENTRO DESPORTIVO NEWTON a negrito na lateral do edifício.

A sua mente viajou por um momento, afundando-se nas profundezas de uma memória de há um ano.

— Há alguma piscina ali? — questionou.

— A Sra. Blackburn não estava a brincar quando disse que não sabia nada — disse Elizabeth, virando-se para olhar para o edifício. — A Alfred Nobel é famosa pela sua equipa de natação; Newton tem a segunda maior piscina do *campus* e é usada principalmente para treinos. Na verdade, estão a construir uma piscina maior para treinos lá dentro.

Sade conseguia ouvir o som distante de obras de construção a vir do interior do centro.

— O Centro Spitz, situado atrás da capela da escola, tem a maior piscina e é utilizado para torneios e jogos... Tu nadas? — perguntou Elizabeth.

Sade sentiu a memória a agitar-se novamente, arranhando-lhe as bordas da mente.

O corpo da rapariga. Sem vida. Frio. Os seus lábios azuis, as suas tranças a flutuar na água. Uma poça de sangue vermelho e espesso rodeava-lhe a cabeça como uma auréola...

— Costumava nadar — respondeu Sade.

— Bem, nesse caso, estás com sorte. Só há duas casas no *campus* que são superpróximas de Newton: Hawking e Jemison. — Elizabeth apontou para um edifício à esquerda e depois para outro no lado oposto que parecia uma versão em miniatura do centro desportivo. Era moderno, com vidros e painéis solares, e tinha uma placa a dizer CASA JEMISON. A Casa Hawking era branca e gigantesca, pelo menos duas vezes maior do que a Jemison.

— A maioria dos residentes da Hawking e da Jemison pertence às várias equipas desportivas. Mas... a terceira casa mais próxima é a nossa, a Turing. Por isso não terás de ir muito longe para chegar a Newton se quiseres ir nadar depois das aulas.

Sade assentiu, meio a ouvi-la, meio a observar a Casa Hawking, discernindo figuras sombrias por trás das cortinas fechadas nas janelas da casa a desaparecer e a reaparecer, uma e outra vez.

Quando por fim chegaram a Turing, Sade olhou duas vezes para a casa e viu como era deslumbrante. Parecia um castelo assombrado. Ao contrário do edifício principal, a pedra ali era quase preta.

— Cá estamos — disse Elizabeth, tirando o seu cartão de acesso e passando-o num painel perto da entrada.

Sade seguiu-a pelas portas duplas, e as suas botas fizeram eco quando pisou o pavimento quadriculado preto-e-branco que remetia muito a um tabuleiro de xadrez.

No centro da entrada principal da Turing havia uma grande escada em espiral e, por atrás dela, um elevador antigo. Na parede, havia um enorme quadro, e ao contrário dos que ela vira anteriormente, este Sade conseguia realmente perceber. Era o retrato de um homem de aspeto cansado e por baixo havia um letreiro no qual se lia ALAN TURING.

Nas laterais do átrio da casa, havia duas portas. Numa, a placa dourada dizia SALÃO DE JANTAR e na outra SALA COMUM.

Embora fosse a primeira vez que ali entrava, sentia que já tinha visto aquela entrada centenas de vezes nas suas obsessivas consultas noturnas ao *site* da escola.

Era tudo igual às fotografias.

Um *ping* alto arrancou Sade dos seus pensamentos enquanto Elizabeth pegava no telemóvel para ler o que Sade supôs ser uma mensagem. Ficou alguns momentos a olhar para o telemóvel antes de voltar a guardá-lo no bolso.

Sade reparou na mudança na expressão de Elizabeth, mas antes que tivesse tempo de a decifrar, Elizabeth substituiu o cenho franzido por um sorriso.

— Esta é a Turing, onde provavelmente passarás a maior parte do teu tempo — prosseguiu Elizabeth, a sua voz estranhamente trémula a início, antes de rapidamente recuperar o tom. — Tomamos o pequeno-almoço e o jantar no salão de jantar da casa, e depois almoçamos no edifício principal com todos os outros alunos. Depois há a sala comum, para onde costumamos ir depois das aulas ou antes do jantar, e no andar de cima ficam os dormitórios. O primeiro andar é para os primeiros anos, o segundo para os segundos anos, e assim por diante — disse Elizabeth. — Como a Alfred Nobel é uma escola internacional, temos um sistema internacional. Pensam nos primeiros anos como caloiros e

nos quartos anos como finalistas. É estranho, e tenho a certeza de que é muito diferente da tua última escola, mas habituas-te depressa.

Sade assentiu.

— É muito diferente. Eu tinha aulas em casa, então isto é tudo novo para mim.

Elizabeth levantou uma sobrancelha.

— Estás a dizer-me que é a primeira vez que tens de aturar a merda que é o liceu? Invejo-te.

Invejo-te.

Foi engraçado Elizabeth ter dito aquilo. Sade estivera a pensar no mesmo: em como Elizabeth tinha sorte em estar ali, em ser livre, há tantos anos.

Mas agora, Sade também ali estava.

Estava finalmente livre.

Apenas isso importava.

— Vou mostrar-te o nosso quarto — anunciou Elizabeth, conduzindo Sade para o elevador. Sade observou-a a puxar as portas até fecharem e depois a carregar no botão para o terceiro andar.

Os elevadores antigos deixavam-na sempre desconfortável. Ao contrário dos mais modernos, aqueles eram como gaiolas. Via-se e sentia-se a subida do poço à medida que o elevador ascendia. Sentia-se o ruído e o puxão da maquinaria.

Felizmente, a subida não demorou muito tempo. Antes que desse conta, já estavam a caminhar pelo corredor até ao quarto que iriam partilhar durante o próximo ano.

Sade ainda estava a processar a ideia de dividir um quarto, um espaço tão íntimo, com uma estranha, e não percebeu que Elizabeth tinha parado.

Tão-pouco registou a sua inspiração profunda ou viu a expressão que lhe assomou ao rosto.

Quando finalmente percebeu que não se estavam a mexer, olhou primeiro para a porta com a inscrição *Quarto 313* e o nome de Elizabeth escrito por baixo em giz branco, e depois para aquilo que prendera a atenção da colega.

A ratazana morta no tapete do lado de fora da porta.

Sade estacou ao lado dela.

O animal estava imóvel e pálido, a cauda curvada, a cabeça esmagada como se tivesse levado um golpe e sido abandonado. Os seus olhos eram pequenos e sem vida e miravam-na, desamparados.

— Aquilo é... — começou Sade, o choque a percorrê-la, mas foi interrompida por Elizabeth.

— Espera aí — disse calmamente, pegando na sua chave bronze do quarto e abrindo a porta do 313.

Sade ficou a ver enquanto Elizabeth passava por cima do roedor morto e desaparecia para dentro do quarto, deixando-a sozinha do lado de fora. *Ou bem, relativamente sozinha*, pensou Sade, mantendo contacto visual com o *Jerry*.

Elizabeth reapareceu alguns instantes depois com um saco de compras usado. Fez uma careta enquanto enrolava o saco com cuidado em torno da carcaça e punha a ratazana lá dentro. Fechou o saco com um nó e deitou-o no lixo do canto do corredor.

— Prontinho! — disse com o que pareceu ser um sorriso forçado. — Deixa-me mostrar-te o nosso quarto. Peço já desculpa pela desarrumação; só hoje é que soube que ias chegar — disse Elizabeth quando a porta se abriu mais uma vez, deixando Sade a processar o que tinha acabado de acontecer.

Estava ali uma ratazana morta. E Elizabeth tratara-o com tanta naturalidade. Seria algo que acontecia com frequência? *Terá sido alguém a deixá-la ali?*

— É comum haver roedores em decomposição no corredor? — perguntou Sade, olhando para a sala e para o chão com desconfiança.

Houve silêncio por um instante e depois a voz de Elizabeth saiu pela porta, ligeiramente abafada.

— Bem, a academia é muito antiga. Mas não te preocupes, é raro acontecer. Acredito que não vamos encontrar mais ratos mortos depois de hoje.

Se tu o dizes..., pensou Sade.

Entrou devagar no quarto 313, evitando a mancha húmida no chão onde o contorno do cadáver do rato ainda era visível.

Observou Elizabeth a dirigir-se rapidamente para a pilha de roupa espalhada no chão, empurrando-a para um canto ao acaso. O quarto ainda estava escuro, as cortinas bem fechadas, bloqueando toda a luz do Sol. Elizabeth estava demasiada preocupada em tirar a sua roupa do chão para reparar.

Sade carregou no interruptor de luz, e os pormenores do quarto tornaram-se visíveis.

Tinha duas camas, de cada um dos lados. Dois guarda-roupas, as suas malas pousadas ao lado de um deles, à espera de serem desfeitas, duas escrivaninhas e uma mesinha com uma pilha de canecas usadas empilhadas.

Elizabeth seguiu a direção do olhar de Sade até às canecas e apressou-se a pegar nelas, e a pousá-las no chão do corredor.

Quando voltou para o quarto, o seu rosto denotava um rubor intenso e ela parecia confusa.

— Desculpa, mais uma vez. Eu tê-lo-ia mesmo arrumado se... — começou Elizabeth.

— Tudo bem — interrompeu Sade, antes de acrescentar: — Gosto da tua decoração.

O lado de Elizabeth era cheio de personalidade. Havia pósteres de bandas, uma chaleira em forma de vaca ao lado de um ridículo pacote de mil saquinhos de chá de Yorkshire, um tapete de girassóis no chão e plantas aleatórias espalhadas.

As sobrancelhas de Elizabeth ergueram-se.

— Oh, obrigada... estás à vontade para usar qualquer coisa do meu lado do quarto. Não são permitidos aparelhos eletrónicos nos dormitórios, mas eu sou ligeiramente viciada em chá, por isso é um risco necessário que estou disposta a correr.

Aquilo fez Sade sorrir.

— Eu guardo segredo sobre o teu esconderijo secreto de chá.

Elizabeth estendeu-lhe o dedo mindinho.

— Prometes?

Sade olhou para os dedos de Elizabeth e lembrou-se de que tinham estado em proximidade com a ratazana morta apenas momentos antes. E então, em vez de enganchar o seu mindinho no de Elizabeth, limitou-se a abanar a cabeça e a dizer:

— Palavra de escuteira.

Elizabeth sorriu, satisfeita com a resposta de Sade.

— Um pequeno aviso sobre mim, já que estamos a partilhar segredos. Tenho uma ligeira tendência para o sonambulismo quando estou stressada e, às vezes, durmo de olhos abertos — acrescentou Sade.

— Anotado — respondeu Elizabeth, não parecendo incomodada com a informação.

Elas entendiam-se.

— Bem, agora que isso está resolvido, acho que é melhor mostrar-te o resto da escola. Temos muito para ver.

APÓS MAIS UMA HORA E meia de deambulação pelo *campus*, Sade deduziu que a Academia Alfred Nobel era demasiado boa para ser verdade.

Alguns destaques da visita guiada haviam incluído o aquário da escola, a fonte da sorte na parte da frente, que de alguma forma lhe tinha escapado quando chegara, e a biblioteca Noite Estrelada — que, ao que parecia, albergava várias edições especiais dos seus livros favoritos.

Quando terminaram, já era hora de almoço e Sade ouviu o som dos alunos em passo arrastado, um burburinho de vozes a elevar-se nas proximidades.

Estavam agora de volta à entrada principal. Elizabeth foi buscar o cartão de almoço de Sade à Sra. Blackburn, deixando Sade a acalmar o entusiasmo da visita. A jovem deu por si a contemplar o átrio principal, como fizera antes, mas desta vez com outros olhos. O espaço não era tão impressionante como pensara inicialmente, agora que já vira as outras salas e edifícios da escola. Os painéis de madeira nas paredes estavam baços e um pouco riscados. As janelas arredondadas não eram tão surpreendentes como os vitrais da biblioteca Noite Estrelada. E o candelabro não brilhava tanto como os do salão de jantar.

No entanto, quando olhou para cima, viu a pintura que tinha visto antes e, olhando de relance, conseguiu distinguir algumas formas e figuras.

— É fixe, não é? — perguntou Elizabeth, acompanhando o seu olhar para cima.

Sade assentiu. Era mais do que fixe. Tinha, de alguma forma, tanto de glamoroso como de triste. Havia algo naquelas cores. Eram suaves, mas também vivas, e a maneira como os rostos estavam desenhados era de uma estranheza bela.

— Chama-se *A Chorona*. Foi encomendado pelo diretor da escola da época, que aparentemente tinha um caso com o pintor. Sempre adorei a história por trás dele — disse Elizabeth.

— Qual é a história? — perguntou Sade, observando mais pormenores em que não reparara antes. Como as lágrimas que escorriam pelos rostos das mulheres, as expressões de dor por trás dos seus olhos, e os sorrisos

forçados nos seus lábios. As expressões desmascaravam as suas mentiras, escondidas por trás dos seus rostos primorosamente desenhados.

Sade também reparou nos pássaros. Cores diferentes, do azul ao vermelho e ao amarelo-cobre. Cada pássaro engaiolado e cada gaiola firmada na mão de uma das mulheres a chorar.

— A artista, a *madame* Alarie, esposa do violento e alcoólico *monsieur* Alarie, decidiu um dia que estava farta das merdas dele e envenenou-lhe o jantar — contou Elizabeth.

Sade olhou para os pássaros, concentrando-se no azul, aquele que, ao contrário dos outros, parecia ter a boca aberta. Também reparou que a sua gaiola estava ligeiramente aberta.

A história parecia completar a pintura de alguma forma; via-o claramente, agora.

— A *madame* Alarie parece uma lenda — disse Sade.

— Concordo — disse uma voz suave vinda de trás.

Sade sobressaltou-se e virou-se para encontrar a fonte, um rapaz de cabelo rosa com pele castanha e um sorriso largo com covinhas. Tinha os braços em torno de Elizabeth e o queixo apoiado no ombro dela.

Sade reparou na mudança imediata na expressão de Elizabeth; era como se a presença dele fosse um interruptor de luz, e o seu rosto se iluminasse com a presença dele. Perguntou-se se seria o namorado dela ou assim.

— Caralho, que susto — gritou Elizabeth, batendo na cabeça do estranho de cabelo cor-de-rosa.

— Desculpa... não volta a acontecer — disse ele com um sorriso que indicava que definitivamente voltaria a acontecer. — É essa a tua nova colega de quarto? — perguntou, afastando-se de Elizabeth.

Ela fez que sim com a cabeça.

— Baz, Sade, Sade, Baz.

O rapaz — Baz — sorriu para Sade e acenou.

— Gosto do teu nome — disse ele.

Sade nunca tinha ouvido ninguém a elogiar-lhe o nome.

— Obrigada, também gosto do teu. É diminutivo de alguma coisa? — perguntou.

Ele anuiu.

— Basil, que significa manjeriço. A minha mãe gosta de salada.

Sade assentiu lentamente, sem saber se aquele rapaz alegre estava a falar a sério ou não.

— Como correu o teste de alemão? Recebi as tuas mensagens urgentes com *sanduíches* — disse Elizabeth a Basil, e depois virou-se para Sade. — Enviamos *emojis* de sanduíches um ao outro quando há uma emergência. É como um SOS ultradramático.

— Foi horrível. Na escala das sanduíches, diria que foi um três.

Isso fez a expressão de Elizabeth mudar de repente para um leve choque, como se aquilo fizesse todo o sentido.

— Porra, assim tão mau?

Sade, por outro lado, continuava sem perceber bem.

Baz assentiu solenemente.

— Pelo menos não vou ter de ver o professor Müller até quarta-feira. Nessa altura, ele já vai poder gritar comigo, mesmo que a culpa seja dele por me ter dado um teste equivalente a uma crise de sanduíches nível três.

— De certeza que não vai ser assim tão mau — reconfortou-o Elizabeth enquanto lhe despenteava o cabelo, dando-lhe palmadinhas na cabeça. — Por falar em sanduíches, devíamos ir almoçar.

— Oh, boa, estou a morrer de fome — disse Baz alegremente, o teste de alemão subitamente esquecido.

Sade acenou com a cabeça, apesar de não ter muita fome; os nervos daquela manhã, bem como a memória da ratazana morta, tinham-lhe tirado o apetite.

Olhou uma última vez para a pintura no teto antes de desviar o olhar e seguir o par pelo corredor.

O SALÃO DE ALMOÇO — **QUE** mais parecia um salão de baile — estava cheio de estudantes universitários a conversar e a comer em pequenos grupos.

Sade escolheu o prato do dia: pãezinhos de massa assados na frigideira com puré de tomate com ervas e uma mistura cremosa de queijos artesanais, e *pomme frites* a acompanhar — também conhecidos como *rolos de pizza e batatas fritas* — e seguiu Baz e Elizabeth até uma mesa no canto da sala.

Baz pegou logo no *ketchup* e espremeu uma grande quantidade no seu prato de batatas fritas, concedendo-lhe o aspeto desagradável de sangue congelado.

Sade ficou a olhar para o seu prato, um pouco desconcertada.

— Então, *quem és tu exatamente*, Sade? — perguntou Baz de repente.

Ela olhou para cima, apanhada de surpresa. Era uma pergunta estranhamente formulada.

— O quê? — respondeu ela, sem saber bem o que mais dizer.

Ele encarou-a enquanto continuava a encharcar as suas batatas fritas em *ketchup*. Sade deixou de conseguir ver as batatas fritas; o prato dele era agora apenas uma montanha de vermelho.

— Que fazias antes de vires para aqui? — perguntou ele com um ar interrogativo.

Era uma pergunta armadilhada. Sade não sabia se devia dar-lhe a resposta ensaiada ou a verdade.

Não sabia se a verdade era algo em que ele acreditaria.

Sentiu Elizabeth e Baz a observá-la com expectativa.

Uma meia-verdade, então.

— Tinha aulas em casa. O meu pai viajava muito em trabalho, então era mais fácil assim.

As sobrancelhas de Baz ergueram-se como se estivesse impressionado.

— Como é que é isso?

— Ter aulas em casa? — perguntou ela.

Ele assentiu.

Sade pensou nas suas memórias de casa e depois respondeu:

— Sinceramente, muito aborrecido.

— Bem, posso assegurar-te de que não há nada de aborrecido nesta escola — murmurou Elizabeth com desdém, cortando os seus rolinhos de piza.

Baz sorriu.

— Que estás a achar da academia até agora? — perguntou-lhe, passando o que restava do *ketchup* a Elizabeth.

— Estou a gostar. A Elizabeth fez-me uma visita guiada pelos terrenos da escola; é realmente impressionante.

Baz sorriu e lançou um olhar a Elizabeth.

— Ela ainda não te fez a verdadeira visita guiada pela escola, pois não? Elizabeth suspirou.

— Ignora-o. Ele é um tretas.

Sade levantou uma sobrancelha.

— Qual é a verdadeira visita guiada?

— A única que importa. A visita às pessoas, aos grupos, aos mericos, a tudo o que precisas de saber para sobreviveres a este lugar. Conhecimento é poder.

— Vês, um tretas — disse Elizabeth com um pequeno sorriso. Baz deu-lhe uma leve cotovelada antes de se voltar para Sade.

— Queres a visita guiada? — perguntou ele num quase sussurro, como se a estivesse a desafiar.

Sade pegou no *ketchup* e espremeu um pouco para o seu próprio prato.

— Força — aquiesceu.

Baz sorriu e, depois, percorreu a sala, antes de indicar com a cabeça uma das mesas do canto.

— Ali temos o pessoal da Oxbridge e da Ivy League, aqueles que se acham melhores do que toda a gente. Quando, na verdade, são tão desorganizados como todos nós, só que, por acaso, são bons nos exames. Aquela rapariga ali, a que tem as madeixas loiras, apanhou mononucleose do namorado e passou-a ao ex-melhor amigo e inimigo declarado dele — relatou Baz calmamente.

Sade observou a rapariga sentada ao lado de um rapaz loiro, que supôs tratar-se do namorado, reparando na forma como ela não parava de olhar para outro rapaz do outro lado da mesa — que tinha um ar tão culpado como ela.

— Depois, ali, temos os totós do teatro; a especialidade deles é começar a cantar ao acaso e irritar toda a gente no processo. Mas estou a divagar. Aquele tipo ali atrás, ouvi dizer que na última festa Hawking, quase matou aquele ruivo ali por causa de um lote de *comprimidos* «desaparecido»... — Baz indicou um tipo ruivo numa mesa diferente.

» Ele está na equipa de natação, o que é significativo porque ali o nadador é enteado do diretor e provavelmente seria exilado se fosse encontrado com as ditas drogas...

Baz estava a atirar-lhe tanta informação que se tornava cada vez mais difícil acompanhar.

— O que é uma festa Hawking? — perguntou ela em vez de tentar perceber o que ele tinha acabado de dizer.

— São essencialmente festas de fraternidade do liceu organizadas pelos marginais que ocupam a Casa Hawking — murmurou Elizabeth, comendo a sua gelatina e mexendo no telemóvel.

— Muitas pessoas matariam para receber um convite, Lizzie, até eu. Ouvei dizer que na última festa, um dos quartos anos ofereceu um relógio da *Rolex* a todos os convidados — disse Baz, de olhos arregalados.

— Baz, tu já tens um *Rolex* — apontou Elizabeth.

— Sim, mas não é o mesmo que ser presenteado por um finalista giro chamado Chad.

— Parece ser muito divertido — comentou Sade.

— Longe disso — respondeu Elizabeth, ao mesmo tempo que Baz exclamou:

— Aposto que é.

Começaram os dois a discutir e Sade deu por si a perder a concentração, e começou a observar outros grupos no salão e a tirar as suas próprias conclusões. Era como se estivesse a assistir a uma experiência social, aquele instinto aparentemente primitivo de nos separarmos e entrarmos naqueles pequenos grupos. Era tão diferente da sua vida em casa e lembrava-lhe os filmes que crescera a ver. Perguntou a si mesma se as pessoas teriam consciência da quantidade de clichés que concretizavam diariamente.

Entre os grupinhos, a supervisora desagradável e o drama, Sade não ficaria surpreendida se se virasse e visse uma equipa de filmagem com a sua plateia de estúdio a assistir ao seu primeiro dia de liceu como uma cena de *A Vida em Direto*.

Uma mudança súbita no ar arrancou-a dos seus pensamentos.

O ruído alto das vozes no corredor começou a abrandar, as cabeças viraram-se para a entrada do salão.

Sade também se virou, perguntando-se o que teria causado aquela mudança abrupta.

E foi então que as viu: as três raparigas que haviam captado o interesse de toda a gente.

Observou-as enquanto se sentavam numa das mesas do centro, aparentemente inconscientes da forma como a sua presença transformava a sala.

— Quem são? — perguntou Sade a Baz, olhando para as raparigas, a sua atenção desviando-se para a loira de pele castanha e aquelas ondas vincadas a dedos dos anos 1920 no cabelo. Parecia saída de um quadro. Todas elas pareciam.

— As raparigas extremamente atraentes que acabaram de entrar? — perguntou Baz, olhando na mesma direção que ela.

Sade assentiu.

— As pessoas chamam-lhes muitas coisas: demónios, as cabras más do Oeste, e o meu favorito, a *Trindade Profana*. Nomes dramáticos, mas bastante precisos se as conheceres minimamente. Ouvi dizer que se juntam aos fins de semana e fazem rituais demoníacos para manterem a pele sem manchas.

— Baz, não me digas que acreditas mesmo nisso — disse Elizabeth, de expressão impassível.

— Ei, eu sou um antropólogo social. Só estou a relatar o que ouço! — respondeu, levantando as mãos.

— Elas são populares? — perguntou Sade. Em todos os filmes sobre grupinhos, há sempre os populares.

— Acho que sim. Não da mesma forma que as Diamond Ring, raparigas cujas famílias provêm do dinheiro mais antigo que possas imaginar — disse ele, apontando para um grupo de raparigas de aspeto glamoroso numa mesa diferente. — A Trindade Profana é mais popular por ser bonita, o que é, sinceramente, um objetivo meu — disse Baz.

Sade mastigou uma das suas batatas fritas e voltou a olhar para a loira, sentindo os pelos dos braços eriçarem-se e o seu peito a vibrar.

Virou-se para olhar para as outras duas: uma rapariga do sul da Ásia com tom de pele azeitonado escuro e longos cabelos pretos ondulados que pareciam fluir para baixo das suas costas, e entre ambas, possivelmente a rapariga mais objetivamente bonita que alguma vez vira. E era claro que Sade não fora a única a reparar. A rapariga captara o olhar de toda a gente, embora parecesse despreocupada com a influência que exercia nas pessoas do salão de almoço. Tinha cabelo preto comprido e liso, pele escura, e lembrava a Sade uma Naomi Campbell mais jovem e curvilínea.

Baz voltou a falar baixinho.

— *A do cabelo* é a Juliette de Silva. É a guarda-redes da equipa feminina de lacrosse e tem um conhecimento enciclopédico de tudo e todos... Alegadamente, o pai dela *manda* no tipo que *manda* na Google.

Sade não teve a certeza se Baz estava a falar a sério, mas pelo seu olhar não parecia haver ironia nas suas palavras.

— A loira assustadora é a Persephone Stuart. Ouvi dizer que uma vez cortou o apêndice de um tipo durante o sono, porque ele ficou a olhar para ela durante muito tempo, e agora guarda-o num frasco no quarto

— continuou ele, de forma bastante descontraída. — E a do meio é a líder, a April Owens. Na verdade, era colega de quarto da Elizabeth.

Elizabeth não pareceu muito feliz por Baz ter revelado aquela informação.

— Que aconteceu? — perguntou Sade.

Elizabeth lançou a Baz um olhar mortífero antes de espetar o seu almoço com um garfo.

— Nada. As pessoas estão sempre a mudar de colegas de quarto; não é nada de mais. Podemos parar de falar sobre elas agora? São só raparigas.

Sade lembrou-se do comentário da Sra. Blackburn sobre as transferências serem raras, mas decidiu não dizer mais nada, não querendo deixar Elizabeth chateada e arruinar o que poderia potencialmente ser a sua única amizade pelo resto do seu tempo na Alfred Nobel.

O rosto de Elizabeth voltou a ficar inexpressivo. Sade perguntou-se qual seria a história. Certamente não seria nada de bom.

Baz pareceu sentir-se mal. Numa tentativa de oferta de paz, empurrou o seu copo de gelatina para Elizabeth e ela aceitou-o com um ténue «obrigada». Aquilo fê-lo sorrir.

Algo na forma como interagiam parecia íntimo. O tipo de intimidade que se partilha com quem se conhece há uma vida inteira. Sade sentiu algo a contorcer-se por dentro e engoliu o nó permanente na garganta.

Afastando o olhar deles, voltou a examinar o salão, concentrando-se nos outros em vez de nos seus próprios demónios internos.

Sem querer, o seu olhar pousou mais uma vez no trio profano, e deixou-se perder nelas.

Era tão fácil fazê-lo.

Fazia sentido que a beleza delas fosse o motivo da sua popularidade. Até ela estava sob o seu feitiço passivo.

O seu olhar focou-se em April, que estava a aplicar uma fina camada de *gloss* nos lábios.

Depois em Juliette, que se estava a rir de algo que alguém devia ter dito. Depois, lentamente, o seu olhar desviou-se para a loira que tinha visto primeiro, parando quando um par de olhos curiosos se fixou nela também.

A loira — Persephone, como Baz dissera que se chamava — estava a bebericar de um copo, com a cabeça ligeiramente inclinada, a sobrance-lha arqueada como se estivesse a considerar alguma coisa.

E mais importante, também estava a olhar para Sade.